TCC/UNICAMP
C157e
1824 FEF/461

PATRÍCIA AFONSO DE CAMPOS

ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE NA GINÁSTICA ARTÍSTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPINAS
1997

TCC/UNICAMP
C157e
1290001824

PATRÍCIA AFONSO DE CAMPOS

ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE NA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Monografia apresentada à disciplina Seminário de Monografia II, como parte integrante da avaliação para obtenção do título de Bacharelado em Educação Física, na Faculdade de Educação Física - UNICAMP, sob orientação da Profa. Dra. Vilma Leni Nista Piccolo.

NOVEMBRO - 1997

Aos meus pais, Higino e Heloisa, e meu irmão, Marcelo. Que sempre estiveram dando todo o apoio e carinho nesses anos, mesmo que de muito longe. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Aos amigos que ficaram em Belém, e que sempre estiveram presentes em minha memória e lembrança, e que foram peças fundamentais pelos maiores questionamentos que foram surgindo e que me fizeram chegar até aqui. Em especial à Lílian e à Fábia, pelo orgulho que demonstraram com minha escolha de mudança.

Em especial, à Profa. Dra. Vilma Leni Nista Piccolo, pela orientação desenvolvida para este trabalho e pela confiança depositada. Obrigada.

À você, Alissandra (linda!!!). Muito obrigada.

Aos amigos que conquistei aqui em Campinas, e que sempre me ajudaram a enfrentar os problemas e a saudade que tinha de casa.

Ao Jocimar, Lino, Carminha, e os demais professores que contribuiram para acirrar minha consciência crítica, enquanto pessoa e profissional.

Ao Gonzaga pela ajuda e paciência na biblioteca, e a todas as pessoas que estiveram contribuindo, mesmo que indiretamente. Obrigada.

O estado de felicidade, enobrece-nos ainda mais. Obrigada, Fernando.

RESUMO

A especialização precoce é um tema bastante polêmico, ainda mais quando relacionado a alguma prática esportiva. O interesse deste trabalho é discutir as formas de treinamento que cercam a Ginástica Artística, principalmente pela falta de embasamento científico necessário e apropriado.

O interesse surgiu, principalmente, pelo fato das crianças começarem a treinar esta modalidade esportiva muito antes do que em outros esportes. Por que trabalhar capacidades físicas, como força, resistência, entre outras, se estas crianças de apenas cinco anos não têm um desenvolvimento adequado à essa prática? E como ficam as brincadeiras e fantasias, que fazem parte do seu cotidiano? E a responsabilidade dos treinamentos, os inúmeros momentos de competição que necessitam enfrentar, e a seriedade de um trabalho vivido precocemente?

A partir de vários questionamentos de fatores pertinentes ao treinamento de alto nível nessa fase que antecede os 5 anos, como aspectos fisiológicos e psicológicos, a especialização precoce, e a G.A., utilizando-se de uma abordagem desenvolvimentista sobre o crescimento da criança, além das condições biológicas, cognitivas e culturais, é que pretendo mostrar questionamentos de se trabalhar com a Ginástica Artística.

Diante desses posicionamentos, o discurso expresso em meu trabalho tenta ainda arrebanhar mais pessoas que possam discutir e aprofundar sobre essa problemática. Sabe-se que estas questões, "não têm grande relevância" para os clubes, técnicos e pais dos atletas em miniatura, por falta, talvez, de conhecimento sobre o assunto.

Não há, com isso, a idéia de se negar o valor que a Ginástica Artística tem para o desenvolvimento da criança, nem questionar a importância da competição, da vivência no esporte, mas, até mesmo, propor uma nova visão nos métodos de treinamento nesta faixa etária.

SUMÁRIO

Resumo i

Introdução 01

Capítulo I - O desenvolvimento motor da criança 03

Capítulo II - A criança e a atividade física 11

2.1 A criança e o jogo 11

2.2 A criança no esporte 14

2.3 Contribuições da G. A. no desenvolvimento da criança 16

2.3.1 Um breve histórico 16

2.3.2 A prática da G. A. 19

Capítulo III - Aspectos do treinamento com crianças 26

3.1 Alterações fisiológicas observadas com o treinamento 28

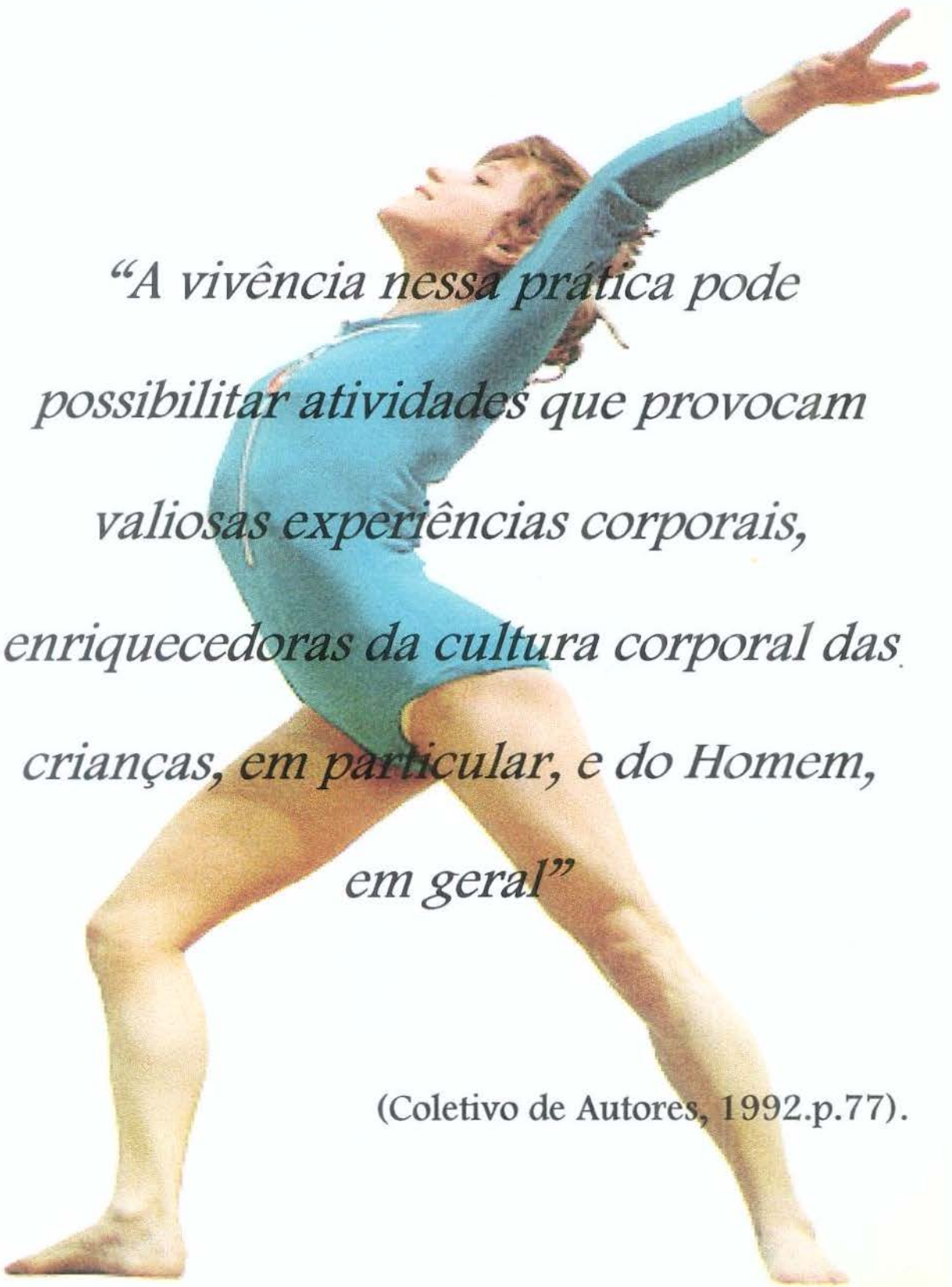
3.2 Alterações psicológicas do treinamento 31

Capítulo IV - Especialização precoce 33

Capítulo V - O Caso da Ginástica Artística 39

Considerações finais 42

Referências Bibliográficas 44



"A vivência nessa prática pode possibilitar atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do Homem, em geral"

(Coletivo de Autores, 1992.p.77).

INTRODUÇÃO

O ser humano dispõe, de acordo com vários autores, de uma seqüência no desenvolvimento motor que foi observada, e que serve de referência de estudo para muitas pessoas. Esse processo serve como base para o trabalho com crianças em alguma prática motora, facilitando a observação das suas necessidades e capacidades presentes em seu desenvolvimento motor. Esse aspecto seria o ponto de partida para o trabalho com qualquer indivíduo, sejam estes crianças, jovens, adultos, etc. A perspectiva inicial é o respeito à esse desenvolvimento, desde a infância principalmente, não esquecendo das fases que já foram estudadas por diversos autores, como Piaget, Gallahue, Flinchum, etc. Respeitar essas fases, é estabelecer parâmetros para futuras especializações e trabalhos com treinamento, e respeitando acima de tudo a criança.

A elaboração deste trabalho está vinculada à questão da especialização precoce no esporte, assunto que tráz diversos questionamentos e preocupações a cerca das possibilidades da criança.

Através de uma análise bibliográfica busca-se embasar a compreensão do desenvolvimento motor da criança e das atividades físicas que ela executa. A Ginástica Artística, enquanto contexto básico desse desenvolvimento (pela sua imensa contribiução), bem como as questões psicológicas e fisiológicas do treinamento são os temas desenvolvidos.

Pretendo questionar, a especialização precoce nesta modalidade esportiva por ter um alto índice de participantes que iniciam a sua prática aos 4 ou 5 anos de idade. Acredito que esse estudo, só venha contribuir ainda mais, para que a prática deste esporte possa ser analisada. Isto é, será que é possível treinar crianças precocemente sem causar problemas? Por que não encontramos com freqüência estudos embasados mais concretos e científicos

para desenvolver trabalhos especializados nessa faixa etária?

A preparação física é fundamental no treinamento de um atleta, mas é necessário ter, a partir de uma reflexão sobre a fase mais adequada para se trabalhar com crianças, já que as mesmas possuem particularidades próprias, subsídios que venham dar suporte ao desenvolvimento adequado deste treinamento.

CAPÍTULO I

O Desenvolvimento motor da criança

O Homem, em sua escalada entre as gerações e as diversas espécies, tem desempenhado papéis, repetindo ao longo desse processo, inúmeros movimentos. O movimento é o começo de tudo, e provavelmente sem ele não existiria vida.

O embrião expressa-se pela primeira vez, através de seus músculos que estão em formação - caracterizando a cada instante a dinâmica de desenvolvimento do organismo. Na evolução desse processo, conhecido por gravidez (e que dura 9 meses), a criança está em simbiose com o organismo materno e sua alimentação é garantida. Esse desenvolvimento é sinônimo de mudança, que começa na concepção e vai até a morte do indivíduo; sua seqüência é a mesma para todas as crianças, com algumas mudanças na velocidade de progressão (Vayer e Rocin, 1990).

Ainda na "barriga da mamãe", aquele pequeno ser desfruta do carinho, do conforto e da alimentação oferecidos e seus movimentos são de natureza automática e involuntária. Mas é chegado o dia! O dia de nascer, é hora de sair para conhecer o outro mundo!

O nascimento acaba por ser desconfortável para a criança, pois tem uma sensação de perda, já que aquela troca de metabolismos com a mãe vai diminuindo, e aqueles fortes impulsos motores e inconscientes (o choro, os gritos, os esperneios, etc.) do comportamento vão exigir mais atenção da mãe. A convivência com esses estímulos externos provocados pelo nascimento são muito importantes na organização do equilíbrio tônico[1]

[1] De acordo com a função neuromuscular, a função tônica diz respeito à manutenção das atitudes e forma de relação (Vayer e Roncin, 1990).

emocional da criança. Existe uma necessidade de estímulos sensoriais, principalmente contatos cutâneos. Essa carência nos mostra que o Homem necessita de um meio humano e social para sobreviver. O Homem não vive somente com suas experiências, mas com o que o mundo lá fora pode proporcionar-lhe (SÉRGIO, M., 1987).

A criança ao chegar na sexta semana antecipa seus gostos através da memória afetiva, e sente prazer com isto. Esse processo se dá com as informações proprioceptivas, labirínticas e articulares, que desenvolvem a atividade sensório motora (Le Boulch, 1982).

As funções tônica e de motilidade (resultado da contração fásica que é mais rápida e de maior amplitude) estão intimamente ligadas ao desenvolvimento do Eu, que podemos traduzi-lo inicialmente em "Eu corporal". Vayer e Roncin (1990.p.16) citam que, "a construção do Eu é uma auto-elaboração que se realiza e se organiza no tempo através das trocas sujeito-ambiente".

De acordo com Le Boulch (1982), o estágio pré-objetal é caracterizado pelo verdadeiro relacionamento de afetividade, tranqüilidade e alimentação que a mãe proporciona ao filho (a esse processo chamamos de "diálogo tônico"), e que permanecerá até os oito meses.

Agora, essa criança tem que aprender mais uma coisinha... a desenvolver esse diálogo com o meio humano que a cerca (com exceção da mãe, que já desenvolve esse contato). Nessa fase, a criança ao afastar-se da mãe fica frustrada provocando a "angústia dos oito meses" (ibid.p.39), e apesar de não parecer, esse aspecto é importante e muito positivo, pois provoca o desejo motor da atividade intencional - suporte da função simbólica (representado pela mãe).

A mãe será um agente facilitador nessa interação da criança com o meio ambiente humano, tentando captar sua afetividade e inserindo-a no contato com outras pessoas. Essa viagem que a criança percorre é um

verdadeiro processo dinâmico, aprendendo a cada momento a desenvolver-se. Por volta de 1 ano de idade, a criança mantém um diálogo com a mãe e essa linguagem significa para a criança um fundo sonoro, uma música ambiental. Essa imagem materna, é o primeiro suporte da função simbólica (Le Boulch, 1982). A primeira "mamada", o olhar, o sorriso, os balbucios, as primeiras palavras, enfim, todo esse processo (extremamente afetivo) liga mãe e filho.

> "A qualidade da relação mãe-filho é que vai dar a segurança da criança, condição sine qua non para uma boa formação do Ego e de um bom desenvolvimento harmonioso de sua personalidade" (Berthe Reymond-Rivier, s. d.apud. Le Boulch, 1982.p.52).

Vencida a primeira etapa, a criança passa de movimentos automáticos para a realização de movimentos intencionais, já que o córtex cerebral amadurece fazendo com que a mesma, assuma suas funções (realizando movimentos por vontade própria).

Podemos perceber que dos 18 meses aos 6 anos vários aprimoramentos ocorrem com as capacidades motoras, ocasionando um aumento do controle das habilidades globais e finas. Esse processo de desenvolvimento motor, segundo Gallahue (1982), segue duas fases: fase das habilidades motoras e das habilidades específicas. A primeira fase, das habilidades motoras, é pré-requisito fundamental para aquisições posteriores, devendo sempre preceder a segunda fase, das habilidades específicas.

A partir dos 2 anos de idade, a criança é muito dependente de reflexos primários que vão sendo progressivamente inibidos pelo SNC (Sistema Nervoso Central) enquanto outras capacidades fundamentais voluntárias (andar, correr, trepar, etc.) se desenvolvem (Farinatti, 1995).

As experiências que a criança tem de si e do ambiente que a cerca, trazem alguns significados na linguagem verbal, mesmo

compreendendo somente a tonalidade, algumas palavras e sons têm um sentido; começa a emitir seus próprios sons (blablablá, balbucios, etc.). Também começa a organizar-se, a construir o seu Eu que vai girar em torno da relação com o objeto material.

O grande interesse por contatos humanos é transferido para os objetos, permitindo a aquisição rápida da práxis e de refinamentos dos padrões fundamentais dando ênfase à organização perceptiva. Esse contato com os objetos é importante no condicionamento da forma com que a criança vive sua atividade corporal (é uma ampliação dos atos motores).

Esse período é caracterizado pela representação mental, onde são acrescentados símbolos às atividades da criança; e devemos oportunizá-las a vivenciar atividades exploratórias, sem estruturá-las ou supervisioná-las.

Aos 3 anos, a criança está beneficiada pelo ambiente afetivo dos pais, pelo contato com os objetos e por executar diversas coisas, do ponto de vista motor (Le Boulch, 1988). É expontânea e "encara" tudo com naturalidade, mas necessita organizar sua personalidade. Tem espírito de colaboração e adaptabilidade e seu campo de observação sobre coisas, pessoas e fatos é muito vasto. Começa a desenvolver suas experiências, compreendendo a linguagem do ambiente, e assim, começa a formar as primeiras frases (Vayer e Roncin, 1990).

Também gosta de estar com outras crianças (ainda que brinque muito sozinha, pois o egocentrismo ainda prevalece); procura ser independente em tudo o que faz, resolvendo seus problemas à sua maneira e aceitando ajuda quando necessário. Tem grande capacidade de investigação e uma necessidade enorme em movimentar-se (é muito ativa).

Le Boulch (1982.p.88), enfatiza que:

> "A espontaneidade motora durante as atividades de exploração permite à criança experimentar e continuar enriquecendo sua bagagem práxica".

Com a chegada da segunda infância, a criança passa a integrar outro espaço, deixando de ser o centro das atenções, para interagir com outras pessoas. Esse período também é caracterizado como início da cooperação e do raciocínio lógico (chamado de operatório concreto, segundo Piaget, 1983).

Se o adulto valorizou o sucesso e proporcionou diversas experiências à essa criança, ela dispõe de uma perfeita memória cinestésica. Essa fase é marcada pela formação de símbolos, e é necessário compreender tudo aquilo que já aprendeu (Le Boulch, 1982). Seus interesses estão voltados para o mundo lá fora, fazendo representações mentais de pessoas, objetos ou situações do cotidiano, o que torna o aspecto expressivo do movimento mais interessante, vivenciando novas criações do jogo simbólico.

Aos 4 anos começa a ter consciência do que pode produzir na outra pessoa, envolvendo pais e amigos com brincadeiras de múltiplas fisionomias, sorrisos, palhaçadas - fica mais interessante[2].

Nessa fase de jogo expressivo, a criança começa a identificar personagens sociais que são marcantes em sua vida, promovendo transformações, criando fantasias; e é através desse intercâmbio com outra pessoa que começa seu processo de socialização (Le Boulch, 1987). Parece ser mais independente, por ter segurança de si e de suas afirmações, mas também notamos uma diminuição aparente na capacidade de atenção seletiva. A partir daí, as atividades que a criança participa, como o jogo simbólico, a mímica, as brincadeiras de boneca, etc., se desenvolvem no mundo de outras crianças e a linguagem, regulada pelo aspecto tônico, fica mais integrada.

[2] Começa a existir neste período uma harmonia entre o corpo e o meio, a criança sente-se mais à vontade, daí o desembaraço na expressão corporal.

Nesse período são criados os movimentos fundamentais com múltiplas formas: o correr, o saltar, o arremessar, o receber, o quicar, o chutar e suas combinações. Essas mudanças trazem um refinamento das habilidades básicas combinadas, marcando a passagem para a fase dos movimentos relacionados ao desporto, com o surgimento de atividades motoras mais complexas do patrimônio cultural adquirido.

Aos 6 anos é mais sociável e tem espontaneidade em dramatizar sua existência, mostra-se mais responsável e já começa a fazer parte de grandes grupos. A curiosidade, a capacidade de imaginação e imitação são muito presentes, percebemos que elogios são muito aceitos nessa fase. Também gosta muito de fazer desafios e tem muito interesse intelectual (esses fatores estendem-se até os 9 anos, aproximadamente). Por volta dos 6-7 anos, o desenvolvimento motor da criança se caracteriza basicamente pela aquisição, estabilização e diversificação das habilidades básicas (Tani, 1988).

A criança, com a chegada dos 7 anos, participa cada vez mais de atividades sociais. Existindo com isso, uma progressão da linguagem (que se torna interior), pemitindo formulações, planificações, direção nas ações.

Os padrões motores estão mais refinados, com um aprimoramento maior da coordenação motora grossa. Tem maior interesse em desenvolver habilidades motoras. A maioria das crianças, nessa faixa etária, já domina as habilidades motoras fundamentais suficientemente para executar outras habilidades mais complexas (Farinatti, 1995).

O espírito de competição está presente e começa a interessar-se mais por esportes; tem dificuldade de separar aspectos mais relevantes para executar certas tarefas (ibid, 1995). Daí necessitarem de informações visuais e auditivas para a compreensão das atividades que são apresentadas, devendo tentar desenvolver o prazer, a experimentação e a exploração.

A partir dos 10 anos, a criança deve ter um domínio sobre as capacidades motoras fundamentais, que serão suficientes para desenvolver as habilidades exigidas em atividades desportivas (Weineck, 1986).

Segundo Gallahue (1982), o estágio especializado da fase de movimentos relacionados ao desporto será marcado pela participação do jovem em atividades motoras, que poderão ir do desporto escolar ao universitário, e atividades recreativas até o desporto de alto nível. Esses fatores dependem do talento individual, das oportunidades oferecidas e da motivação do indivíduo (apud.Tani, 1988).

Gallahue propõe um modelo para chegar ao domínio de habilidades desportivas, sendo fundamental que ocorram experiências, primeiramente, com habilidades básicas:

1. fase de movimentos reflexos (da concepção até 1 ano de idade)
2. fase de movimentos rudimentares (1 a 2 anos)
3. fase de movimentos fundamentais (2 a 7 anos)
   - estágio inicial (2 a 3 anos)
   - estágio elementar (4 a 5 anos)
   - estágio maduro (6 a 7 anos)
4. fase da combinação de movimentos (7 a 10 anos)
5. fase de movimentos específicos (acima dos 10 anos)

O desenvolvimento motor é um aspecto estudado por vários autores, que preocuparam-se em mencionar os registros que observaram no decorrer do desenvolvimento do Homem.

As questões abordadas neste capítulo não limitaram-se somente a seqüência motora, mas aos aspectos afetivos, sociais e cognitivos, que são imprescindíveis. Percebemos em crianças estimuladas motora e cognitivamente e que fazem parte de um meio afetivo-social rico, um desenrolar repleto de experiências e vivências que acrescentam sua bagagem motora geral. Mas uma criança que mesmo estimulada motoramente, e não

tendo carinho e atenção, observamos uma "deficiência" nesse desenvolvimento, e assim, muitos casos podem acontecer, pois o ser humano ainda contêm muitos mistérios.

CAPÍTULO II

A Criança e a atividade física

2.1 A criança e o jogo

A criança tem um grande envolvimento com a atividade lúdica, face às suas mais diversas orientações. Já que vive no mundo da fantasia e dos sonhos, e o jogo pode levá-la a construir os mais diversos brinquedos, com muita criatividade e independência.

Suas vivências de movimento sempre remetem para a brincadeira, para o sonho e para a fantasia. Exerce suas trocas sociais, seu desenvolvimento como um todo, através do "faz de conta", do jogo, das brincadeiras.

Segundo Girardi (1993), a realização de uma ação motora está voltada para o prazer e alegria, desenvolvidos através da brincadeira e da atividade lúdica. A brincadeira é fundamental na vida das crianças; não permitir que elas brinquem é uma violência, porque são nessas atividades que ela constrói seus valores, socializa-se e vive a real existência de seu próprio corpo; cria seu mundo, desperta a vontade, adquire consciência e sai em busca do outro pela necessidade que tem de compartilhar.

Sabemos também que é através da brincadeira que a criança "representa a realidade". Lembro-me de ter brincado com minhas bonecas de casinha e representei (muitas vezes) o que minha família vivia na realidade, era uma reprodução da ação de meus pais.

"Quando a criança joga, ela opera o significado das suas ações, o que a faz desenvolver sua vontade e ao mesmo tempo tornar-se consciente das suas escolhas e decisões" (Coletivo de autores, 1992.p.66). E acabei por

imitar ensinamentos que ampliariam futuramente meus conhecimentos a respeito do mundo em que vivia, e vivo até hoje!

Lembramos que o brinquedo e o jogo[3] são fundamentais para o desenvolvimento dos indivíduos. A brincadeira e o jogo devem ser sempre analisados em função da gama de conhecimentos, adquiridos com o passar do tempo e dos esquemas de crescimento. Respeitar e conhecer esses fatores determinantes de cada fase da criança e suas características individuais é trabalho não somente do educador, mas de pais e pessoas com quem tem mais contato, pois à criança cabe também, viver a sua infância.

Jacquim (1963) cita que,

> "O jogo põe em função, de maneira extremamente variada, todas as possibilidades da criança: força muscular, flexibilidade das articulações, resistência ao cansaço, respiração, precisão de gesto, habilidade, rapidez de execução, agilidade, prontidão de respostas, reflexos, espairecimento, equilíbrio, etc." (apud. Rosamilha, 1979.p.65).

O desenvolvimento do jogo na escola é fundamental, pois as regras previstas em sua prática permitem que a criança estabeleça uma relação do jogo para a vida real, bem como, o desenvolvimento do caráter através dos jogos que ela mesma criou (com a ocultação ou não e regras).

> "A atividade lúdica também é constituída de vários fatores: qualidades físicas, propriedades caracterológicas, aptidões, infinitas capacidades, habilidades motrizes e intelectivas" (Rosadas, 1986.p.96).

É através da recreação que a criança compõe seu mundo com uma imaginação criadora, utilizando brinquedos e brincadeiras, buscando assim um equilíbrio entre a fantasia e a realidade.

---

[3] Freire (1989.p.116), lembra que jogo implica na existência de regras, de perdedores e ganhadores.

O jogo é uma atividade que deve estar presente em qualquer iniciação esportiva, não ficando subordinado apenas aos gestos técnicos, mas sempre acrescentando valores educacionais, através de seu caráter lúdico. Mesmo porque o vôlei, o basquete, o futebol, etc., são jogos, e também possuem regras (mesmo que mais complexas).

O programa de atividades com jogos deve englobar atividades com as mais diversas regras, como elemento formativo com seus valores educacionais e culturais, pois assim, esse processo de aprendizagem tornar-se-ia muito mais alegre. De acordo com Paes (1996), pode-se notar uma similaridade entre jogo e esporte, que confundem e misturam, muitas vezes, suas particularidades. Mas, que podem ser trabalhados conjuntamente, desde que sejam esclarecidos seus objetivos e propostas.

2.2 A criança no esporte

O esporte vem tendo uma evolução influenciada pelos meios de comunicação de massa e oriunda do progresso científico e tecnológico.

> (...) "Esta evolução, porém, contribuiu para que o movimento no esporte se tornasse um movimento cada vez mais estereotipado e de uma efetivação prática de forma cada vez mais mecânica" (Kunz, 1994.p.75).

O esporte, enquanto conteúdo escolar, deve seguir um programa que desenvolva jogos com ou sem regras, e que não se limitam aos gestos técnicos. Enquanto prática social, deve trabalhar temas lúdicos da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992), sendo manipulado, codificado, com muitos significados, tendo sido criado e praticado pela sociedade, e como fim nele mesmo.

Seu significado é definido em vários aspectos, que vão da prática que privilegia o coletivo, a solidariedade e o respeito humano, até o desenvolvimento de rendimentos atléticos, técnicas e até desigualdade social, onde o praticante joga "contra" e não "com" o adversário, sendo necessário resgatar seu valor pedagógico no sentido de esporte "da" escola e não como esporte "na" escola (ibid. 1992).

Segundo Kunz (1994), os movimentos realizados nas modalidades esportivas mais praticadas, inclusive por não atletas, são práticas hegemônicas da Educação Física Escolar, mas que têm adquirido um nível alto de exigência do praticante.

Existe uma gama de modalidades que podem ser tratadas enquanto esportes (não esquecendo, também, de seus valores educativos...) que são temas da própria cultura corporal: futebol, atletismo, voleibol, basquetebol, capoeira, dança e a ginástica.

A iniciação desportiva é recomendada para desenvolver, primeiramente, modalidades individuais com provas simples, como o atletismo, e aprimorando os fundamentos básicos (5.a série). A partir deste aprimoramento já iniciado, é possível introduzir regras e sistemas nos jogos, além das modalidades coletivas em maior escala (7.a e 8.a séries).

Através da prática físico-desportiva, a criança tem oportunidade de realizar contatos sociais, possibilidades de criticidade de determinados contextos (sociais, econômicos, políticos, culturais, etc.). Essa relação com a atividade corporal é influenciada pelo meio ambiente que faz parte.

Na tentativa de desmistificar o esporte, e de torná-lo uma prática mais crítica, criativa e educadora na escola, são oferecidas algumas sugestões para o tratamento do mesmo, como a ginástica, o jogo, a capoeira, o futebol, etc. (Coletivo de Autores, 1992). Mas isso não quer dizer que estamos dispensando a técnica, e sim, estimulando a sua compreensão como instrumento necessário de uma série de ginástica, de um jogo, etc. Rosadas (1985), esclarece que como em qualquer outra atividade de ensino, o esporte só assume sua função educacional a partir do momento em que propicie ao movimento aprendido, oportunidades de referência para a formação do Eu.

2.3 Contribuições da G. A. no desenvolvimento da criança

2.3.1 Um breve histórico

A Ginástica já era praticada muito antes de Cristo, realizando-se através de tarefas acrobáticas e funambulescas (Santos, 1985). Esse termo ginástica, abrangia todas as modalidades de atividades físicas, como: correr, saltar, escalar, e também exercícios em aparelhos (Arnold e Kinke, 1984).

Começou a ser difundida como Ginástica de Aparelhos em meados do século XIX, na Alemanha, por Jahn e seus discípulos (Santos, 1985). Em 1832, foi criada a primeira Federação de Ginástica do mundo, na Suíça, tendo seu maior enfoque no final do século, tornando-se um forte movimento político-social, com o aumento de sociedades ginásticas na Europa, pela explosão da sua arte (ibid, 1985). A Ginástica, desde suas origens como a "arte de exercitar o corpo nu", englobando atividades como corridas, saltos, lançamentos e lutas, tem evoluído para formas esportivas claramente influenciadas pelas diferentes culturas (Carvalho, 1992).

Como é possível perceber nestes relatos históricos do século XIX, a Ginástica não tinha uma preocupação técnica, somente. Mas precisava aprimorar a população e fortalecê-la para lutar na guerra, melhorando assim, suas qualidades físicas e morais. O Homem era um modelo industrial, seu corpo tinha que produzir, era militarizado (disciplinado).

Em 1881, foi criada a Federação Européia de Ginástica dando origem, mais tarde, à Federação Internacional de Ginástica, que organizou o primeiro Torneio Internacional de Ginástica (ibid, 1992). Nessas competições somente homens participavam, mas nos Jogos Olímpicos de Amsterdam, em 1928, as mulheres puderam mostrar sua força, pois sua participação era vetada (Arnold e Kinke, 1984).

No início do século XX, é formada uma nova tendência esportiva, onde homens e mulheres participavam de campeonatos mundiais

para mostrar suas performances técnicas na Ginástica Artística. Hoje, percebemos que a G.A., também denominada de Ginástica de Aparelhos, Ginástica Desportiva ou Ginástica Olímpica (Santos, 1985), é um dos esportes olímpicos mais apreciados e mais populares no mundo (a arte, técnica e performance dos atletas encanta multidões).

No Brasil, a G.A. teve seu início com a colonização alemã, no Rio Grande do Sul, em 1824. Foi uma forma que os colonos encontraram para os horários de lazer. Em 1896, iniciaram-se as competições de Ginástica no Rio Grande do Sul, que atualmente está sob a direção da Federação Riograndense de Ginástica (Publio, 1977).

Alguns clubes foram formados, entre eles, o Clube Ginástico Paulista (CGP) e o Clube Ginástico Desportivo (CGD), que em 6 de Maio de 1933 participaram no 1.° Campeonato Interestadual. Segundo Publio (1977), em trabalhos coletados, a Fundação Paulista de Ginástica e Halterofilismo (FPGH) iniciou o controle e organização da Ginástica no Estado de São Paulo, procurando sempre fazer com que esta modalidade avançasse. Assim a Confederação Brasileira de Desporto (CBD), ficou encarregada, a partir de 1951, de realizar campeonatos nacionais de Ginástica em caráter oficial (filiando-se à FIG neste mesmo ano).

A G. A. é dividida no Brasil, em três grandes áreas: o Ministério da Educação e Cultura (MEC), que tem responsabilidade pelo âmbito escolar e pela realização de campeonatos mundiais, brasileiros e estaduais estudantis; a Confederação Brasileira de Ginástica, com o esporte clubístico e a Confederação Brasileira de Desportos Universitários, encarregada pelo desporto universitário (Dieckert, 1985).

No Brasil, as categorias são selecionadas pela faixa etária ou pela divisão à qual o ginasta pertence:

CATEGORIAS	CLUBES	ESCOLAS	UNIVERSIDADES
MIRIM	até 10 anos	até 13 anos	limite máximo
INFANTIL FEMININO	até 12 anos	até 15 anos	30 anos
INFANTIL MASCULINO	até 14 anos	até 18 anos	federados e
JUVENIL FEMININO	até 16 anos	federados	não-federados
JUVENIL MASCULINO	até 18 anos	não-federados	"
1ª CATEGORIA	acima de 18	"	"

2.3.2 A prática da G.A.

A Ginástica Artística, como prática esportiva, desenvolve no praticante todas as qualidades do movimento, aperfeiçoando suas capacidades e habilidades físicas (Nista-Piccolo, 1993). Baseia-se no desenvolvimento técnico de todas as formas gímnicas, regulamentadas e adaptadas aos diversos aparelhos que compõem sua prática.

Seguindo o Código de Pontuação, os ginastas devem desenvolver séries obrigatórias e livres nos aparelhos masculinos, que são seis, e femininos, que são quatro (quando trabalhada para fins competitivos). Acredito que a G.A. pode ser trabalhada em clubes, escolas, comunidades, etc., mesmo que das mais diferentes formas. Embora a sua prática tenha o estigma de "alto rendimento", podemos desenvolver trabalhos diferentes, com objetivos que contemplem essa prática e que respeitem as necessidades das crianças.

Essas séries são desenvolvidas através de vários grupos de elementos acrobáticos, elementos acrobáticos de força e elementos ginásticos.

1. As provas femininas:

- Salto sobre cavalo
- Paralelas assimétricas
- Trave
- Solo

2. As provas masculinas:

- Solo
- Cavalo com alças
- Argolas
- Salto sobre o cavalo
- Paralelas
- Barra

As provas estão dispostas segundo a ordem olímpica (seqüência das provas de G.A. em uma competição). Segundo Santos (1985), essa ordem existe para alternar os grupos musculares trabalhados, bem como, preservar o aspecto de espetáculo do esporte[4].

Guilherme Abtibol (1980.p.15) enfatiza que,

> "A Ginástica Olímpica é um esporte. Esporte é uma atividade mental e física com regulamentação própria e aceita internacionalmente, voltada para a competição do atleta".

A Ginástica Artística, além de ter características de performance e controle muscular, é um esporte que também está relacionado com a arte. Pois encanta com a perfeição e postura correta dos ginastas, com total equilíbrio; e com a graça que os ginastas executam suas provas.

A prática da G.A. exige grande variedade de gestos, permitindo aos praticantes a oportunidade de desenvolver todas as suas capacidades em graus elevados. Quando essa prática é desenvolvida de forma lúdica e motivante, beneficia fisicamente, pois o praticante poderá ter um desenvolvimento ágil e equilibrado; e socialmente, nos treinos, ou ainda em

[4] As séries e os elementos da Ginástica Artística, também são trabalhados em escolas e comunidades, mas "sem" a exigência de técnica ou performances (Santos, 1985).

aulas de Educação Física, sempre deverá ocorrer o auxílio mútuo entre os praticantes.

Santos e Filho (1984) ressaltam que a G.A. com seus inúmeros desafios a serem vencidos pelos alunos, proporciona, após a conquista de cada objetivo, uma grande dose de satisfação pessoal e auto-afirmação. De acordo com Leguet (1987), a Ginástica tem múltiplas dimensões que o indivíduo, através dos planos afetivo, cognitivo e motor, contribui para o sucesso dos outros, avalia os colegas, organiza o ambiente e o trabalho, entra em ação e cria novas possibilidades, produzindo uma obra de arte (um espetáculo) que poderá ser apreciado.

A G.A., ainda hoje, não é vista com grande importância nas aulas de Educação Física escolar, por não fazer parte de nossa cultura (como tem sido em outros países), e portanto, não consegue um trabalho de massificação da modalidade, pois faltam-lhe condições materiais adequadas. Enfim, a própria falta de divulgação de seu valor como atividade relevante para o desenvolvimento integral de crianças denota na sua não aplicação como conteúdo curricular na escola.

Também evidencia-se, nos programas brasileiros, a influência da calistenia e do esportivismo, o que pode explicar o fato da Ginástica ser cada vez menos praticada nas escolas (Carvalho, 1992).

De acordo com Arruda (1997), a escola vinha desenvolvendo essa prática de forma isolada do sistema, onde haviam professores de "ginástica de solo", "ginástica de aparelhos", "ginástica acrobática".

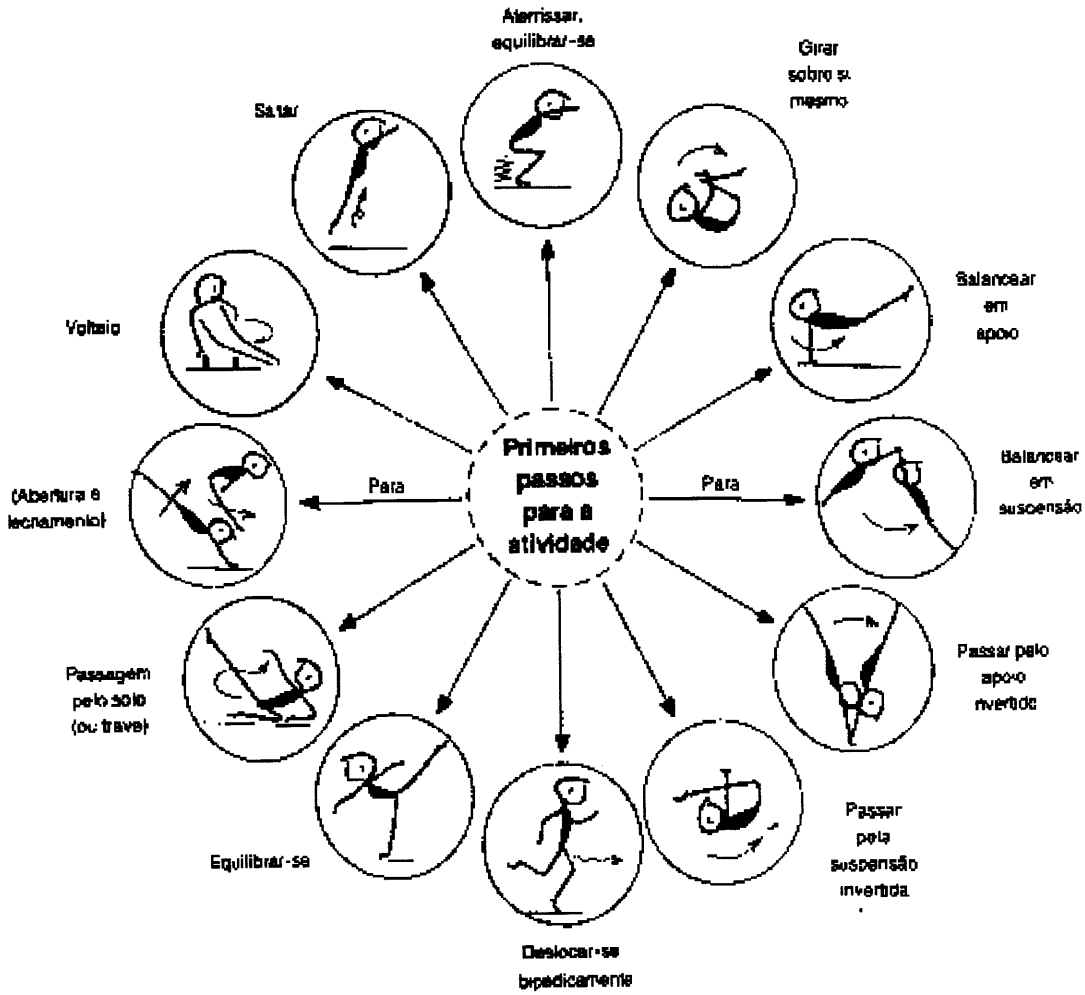
A escola não deve ter como finalidade o desenvolvimento de campeões, com perspectivas de alto desempenho e excelentes performances. Nem mesmo visar um trabalho de iniciação precoce, neste esporte, mesmo sendo a Ginástica também, conteúdo da Educação Física Escolar.

De acordo com Nista-Piccolo (1993), a Ginástica Artística atrelada aos seus aparelhos e exercícios, desenvolve na criança inúmeras experiências motoras e sensações diferentes do dia-a-dia, proporcionando um ambiente rico em estímulos para sua exploração motora e criatividade.

> "Os movimentos exploratórios que contribuem para o desenvolvimento da força, da agilidade, da flexibilidade precisam ser usados. As acrobacias que proporcionam um auto-conhecimento, os movimentos ritmados e as habilidades de percepção visual, auditiva e corporal são movimentos fundamentais" (Nista-Piccolo, 1988.p.138).

A criança necessita de um desenvolvimento de grandes grupos musculares, diferentes tipos de movimento, atividades desafiantes, experimento de sensações, etc. E a Ginástica Artística desenvolve através de sua prática: força, equilíbrio, concentração, socialização, sociabilização, coordenação, espírito de grupo (apesar da ginasta executar sua série sozinha, nos treinos o grupo prevalece), disciplina e muitos outros fatores que contribuem para efetuar esse processo de desenvolvimento.

Leguet (1987.p.57), coloca um "modelo" de Ginástica Artística, são chamadas de "ações gímnicas" que para cada ação existe uma conduta a seguir, até as mais elaboradas para a atividade. Podemos dizer que são os primeiros passos para iniciar a atividade como o salto, o giro, o equilíbrio, o deslocamento, etc.



Leguet (1987), aborda um enfoque pedagógico nas ações motoras denominadas de "ações gímnicas", para sistematizar os elementos da Ginástica Artística. Essas ações (que são ações básicas) compõem os mais complexos exercícios de G.A.

O autor propõe uma identificação na complexidade da atividade dos diferentes tipos de ações motoras, executadas durante a realização das formas ginásticas, que são a prática do desempenho motor da criança e também do alto nível.

A criança tem no movimento uma necessidade constante. Por isso, deve ser sempre encorajada a praticar regularmente atividades corporais, que dêem condições relativas ao estágio de desenvolvimento em que se encontra. E tais condições destacam-se sob diversas manifestações, como a necessidade fisiológica, a motivação, a segurança, os valores e auto-realização, etc.

Percebemos que o jogo, o esporte e a G. A. são conteúdos que devem ser trabalhados, pois possuem indiscutível valor educativo, desde que desenvolvam essa relação educativa, de maneira criativa, reflexiva e formadora para a criança.

Devemos ter clareza na construção destes trabalhos, pois pretendemos formar cidadãos conscientes e que sintam-se engajados para a obtenção do aprendizado motor, afetivo-social e cognitivo.

Contestar os métodos de trabalho que se utilizam de performance, competição acirrada, o recrutamento precoce, volume excessivo de treinamento e a intransigência de pais e treinadores (mesmo que por falta de conhecimento), deveria tornar-se um dever para os profissionais que trabalham com crianças. Precisamos dar mais ênfase ao treinamento realizado com crianças, para não formarmos atletas com possíveis problemas no comportamento.

Quando citamos fatores do treinamento físico, como fisiológicos e psicológicos, estamos tentando observar estes parâmetros e, de certa forma, estimulando um maior embasamento teórico nessa área, como forma de "melhorar", ou seja, de desenvolver trabalhos verdadeiramente coerentes e que não se tornem formas de agressão à criança.

CAPÍTULO III

Aspectos do Treinamento com crianças

O treinamento desportivo tem sua evolução assinalada a cada momento. Treinadores, preparadores físicos e professores de Educação Física vêm dando ênfase ao treinamento físico, buscando melhores rendimentos do atleta ou da equipe.

> "Este é o meio que constitui um conjunto de atividades que visa desenvolver as qualidades físicas e mentais do ser humano, buscando o máximo de seu rendimento" (Costa, 1997.p.33).

O treinamento esportivo constrói a base da eficácia motora do adulto, quer em seus aspectos propriamente motores, quer em suas implicações emocionais e intelectuais (Rosadas, 1986). O aluno deve integrar em seu treinamento, a realização de movimentos corretos, com o pensamento, a inteligência de compreender os movimentos.

Quando trabalhamos com crianças, devemos tomar algumas precauções. É preciso respeitar sua escolha (sem influenciá-la), sua fase de desenvolvimento, sem se utilizar de uma preparação precoce, e estudar muito bem a forma de treinamento.

O problema da idade no início da atividade esportiva pode ser tratado de vários pontos de vista, que depende da definição do conceito de esporte. O esporte entendido como exercício físico, organizado, rígido e dirigido por regras pressupõe um estado de maturidade e base científica.

Ao entendermos como treinamento, o processo motor dirigido a uma finalidade, podemos "deduzir" que existem, aparentemente, efeitos fisiológicos e psicológicos dessa prática.

Quando citamos o treinamento nos remetemos à atividades constantes e fatigantes, que deveriam ser iniciadas aos 12 anos de idade, e sempre incentivando o espírito de grupo, a participação, etc. Não mais, a especialização precoce, competições, vencedores e perdedores, a humilhação, performances, recompensas.

3.1 Alterações fisiológicas observadas com o treinamento

Todo treinamento acarreta alterações fisiológicas, em quase todos os sistemas do corpo. Essas alterações são influenciadas pela duração, freqüência, intensidade do programa de treinamento e hereditariedade (Fox, 1991).

A criança necessita realizar movimentos para se desenvolver e esse treinamento corporal deve ser encorajado na infância e na adolescência, mas devemos sempre lembrar de administrá-lo conforme a idade e o nível de desenvolvimento.

> "A adoção de um treinamento de "performance" nestas faixas etárias depende de uma série de condições prévias" (Hollmam, 1981, apud. Weineck, 1989.p.5).

O metabolismo, na criança, é 20 a 30% mais elevado que no adulto. Necessitam muito mais de vitaminas e minerais em sua alimentação, já que o processo de crescimento é intensivo. De acordo com Weineck (1989), o metabolismo de manutenção pode prevalecer sobre o construtivo (que diz respeito aos fatores do crescimento), num treinamento de grande volume e de grande intensidade ("performances" observadas com a prática da patinação artística, ginástica olímpica, etc.), implicando no entrave dos processos de crescimento do organismo infantil, ou na diminuição da capacidade total do esforço.

As crianças são mais suscetíveis à lesões durante o treinamento. A sobrecarga imposta às estruturas do aparelho motor não é resistente como a do adulto. Podemos notar o relativo enfraquecimento ósseo que as crianças apresentam (já que estão em processo de calcificação), o que "impede" a imposição de sobrecargas ao sistema esquelético; os tendões e ligamentos ainda não são resistentes à tração. Os músculos, quando estimulados, já

apresentam modificações funcionais e morfológicas, com apenas uma semana de treinamento.

Na primeira infância (1 a 3 anos), a integração a um processo de metodologias de exercícios pré-estabelecidos não são válidos. Sabemos que nessa idade a criança necessita se manifestar para se desenvolver, mas esse processo deve ser psicossocial, estimulado pelos pais e pelo meio ambiente em que vive. As atividades deveriam incidir no desenvolvimento da criatividade, da criticidade, exploração do espaço e convívio com outras crianças.

Já na idade pré-escolar, necessitam de várias experiências motoras que incentivem o processo de imaginação e na execução das diversas formas de movimento, portanto, o esporte, deve ser apresentado, mas de forma lúdica.

No início da escolaridade (6-7 anos), a criança começa a adquirir habilidades motoras mais complexas. Nessa fase de extensão do repertório de movimento e melhoria na coordenação, a formação esportiva tem uma ênfase maior (momento de adquirir mais técnica e refinamento).

Não devemos privar a criança de executar atividades físicas e de seu envolvimento com o esporte, mas devemos ter cuidado com o treinamento especializado que vise a competição. Os grandes e excessivos estímulos, deprimem a atividade geral do organismo, ocorrendo conseqüências e perturbações no desenvolvimento da criança: aspectos musculares, ósseos, de crescimento, orgânico, emocionais e intelectuais, bem como a saturação esportiva.

Barbanti (1979), elaborou algumas etapas para a preparação do atleta:

A primeira etapa, de preparação básica, tem uma duração de três a quatro anos. Estes trabalhos são desenvolvidos aos 8/9 anos, com o objetivo de conseguir condições necessárias para atingir resultados esportivos

elevados com a chegada da fase adulta, não havendo especialização nesta etapa. A preparação deve ser generalizada (desenvolvimento multilateral). "Qualidades físicas básicas devem ser desenvolvidas de acordo com as capacidades próprias da idade" (Barbanti, 1979.p.77).

De acordo com este autor, as atividades devem ser de fácil execução, utilizando um método global de ensino. Essas atividades também devem dar ênfase ao trabalho de resistência aeróbia, velocidade, habilidade e coordenação de movimentos em geral. Deve-se despertar, através de treinamentos alegres e variados (ação motivacional), a necessidade de treinos regulares.

Paralelamente, tem-se uma preparação intelectual (apreensão de jogos e seus regulamentos, técnicas, etc.). A participação em competições é aconselhável, desde que não tenha como finalidade a obtenção de recordes.

A segunda etapa diz respeito à preparação específica, com a execução de trabalhos de formação e construção; tem uma duração de três a cinco anos. Existe uma continuidade do trabalho com as qualidades físicas básicas, mas começa a dar ênfase em modalidades que o praticante tem preferência ou tendência.

Nessa etapa, deve-se ter cuidados para não exceder com o treinamento específico para a obtenção de altos rendimentos, pois assim limitamos o futuro competitivo do jovem atleta. No final dessa fase, o trabalho é mais voltado para a especialização (devendo ocorrer no final dos 17 anos).

A terceira etapa é a dos altos rendimentos, essa fase tem por objetivo a preparação do atleta para resultados e competições de alto nível, e depende da boa formação nas etapas anteriores. A preparação geral tem uma diminuição, embora não seja interrompida; já a fase específica tem uma ênfase maior. As competições são necessárias nesta etapa, para habituar o atleta a atingir altos rendimentos.

3.2 Alterações psicológicas do treinamento

Verificamos que os principais problemas encontrados com o treinamento são a aptidão e a seleção de crianças, já que estas não têm liberdade e participação (na maioria das vezes!) nas decisões decorrentes a essa prática.

O treinamento sempre requer muito mais do atleta (até mais do que ele pode oferecer...), além de capacidades físicas bem desenvolvidas, o mesmo deve ter coragem, perseverança, paciência, força de vontade, atenção, etc. E os treinadores? Colaboram para esta estabilidade física e emocional?

De acordo com Krüger (1991), a psicologia evolutiva vem se preocupando com o desenvolvimento motor na idade escolar, na infância e na juventude. Os trabalhos existentes falam sobre o crescimento e a ontogênese, e raramente dos efeitos do exercício e do treinamento, e durante muito tempo tem-se dado pouca ênfase ao aspecto qualitativo da motricidade. Ainda, de acordo com alguns estudos, enfatiza que somente crianças de 9-10 anos estariam em condições de evoluir consideravelmente nos próprios resultados a respeito dos outros e da dificuldade da tarefa desenvolvida.

> "O treinamento pode transformar o indivíduo em atleta de rara proficiência, um campeão, recordista até, mas não haverá necessariamente que impedi-lo de continuar sendo confuso, imaturo, infeliz, egoísta. Sua experiência - ainda que vitoriosa - será fraca devido às inconsistências básicas que a privam de significado estrutural" (ibid.p.60).

Percebemos em algumas Olimpíadas fatores que só problematizaram essa prática, observados quando uma ginasta não executa

um trabalho com perfeição provocando a exaltação de seus treinadores. Às vezes, solicitações sem moderação de algumas atividades, enfatizando o fracasso do atleta, e outros inúmeros problemas que perpassam a vida nos corredores do treinamento de alto nível. Vale ressaltar ainda que, fatores como pânico, stress, temor e depressão ocorrem muito em atletas lesionados.

Ainda, representando um esforço diferente das tendências estruturais do Espaço de Vida (que não é isolado da natureza) do educando e à direção de seu espaço de Movimento Livre (constituindo conjuntos estruturados de condições, atividades, elementos e lugares) será nefasto ao progresso de seu desenvolvimento (ibid. 1985).

As crianças quando introduzidas a essa especialização, que quase sempre é precoce, não conseguem ter uma estabilidade emocional, pois não têm bem definido processos como competição, aptidão, alto nível, performance, e outros. Acabam, muitas vezes, por abandonar o esporte cedo, pois são tratadas como adultos. Fato este que, provavelmente não aconteceria com um adolescente, pois já consegue absorver as preocupações desse nível de desempenho.

CAPÍTULO IV

Especialização Precoce

Ao falarmos em especialização precoce, lembramos de processo unilateralizado, rendimentos máximos, recordes, busca de reconhecimento público, ascensão social, ganho de dinheiro, enfim, processos em que a criança é "obrigada" a participar e muitas vezes, incentivada por pais, treinadores, professores, etc.

De acordo com Chaves (1985), essa especialização é decorrente da busca frenética pelos recordes e pela formação de campeões, onde crianças são "iludidas" por pais e treinadores, com a idéia de tornarem-se um dia campeãs em alguma modalidade esportiva.

> "O treinamento especializado precoce no esporte, acontece quando as crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado a longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento de rendimento, além da participação periódica em competições esportivas" (Kunz, 1994.p.45).

E com a massificação do esporte (a sociedade consumindo esse espetáculo), esse resultado esportivo adquire significados diferentes: para o governo significa potência, superioridade, povo saudável, força; para os atletas significa projeção, posição social, auxílio financeiro e para os treinadores, reconhecimento e oportunidades (ibid. 1985).

É claro que não devemos ser extremistas e rígidos, pois existem trabalhos muito bons sendo realizados com crianças no alto nível, e mesmo estando em pequeno número, têm sua relevância para futuros trabalhos.

Essa especialização não respeita as fases de desenvolvimento da criança, pois trabalha com atividades incoerentes para esta idade; busca promoção de talentos; obriga as crianças a competirem; executa treinamentos diários, por várias horas, com trabalhos fatigantes e totalmente dirigidos; tem direção autoritária por parte do treinador; além de poder incentivar a concorrência, a rivalidade e o isolamento.

Segundo Krüger (1991), quando fala-se de esporte, também fala-se de comparação entre desempenho e competência. Muitas vezes, a criança atua sem ser motivada pelo desejo de triunfar, e as ações são consideradas pelo aspecto do desempenho. Existe também o aspecto de ascensão social (o dinheiro e a glória); e pais que exorcizam suas próprias fantasias, expondo seus filhos e obrigando-os a converter-se em estrelas que eles mesmos gostariam de ter sido (Creff, 1986).

Segundo Roland Raignoux, deveria ser elaborado, paralelamente ao código de trabalho, um código do desporto que permita reprimir esses abusos, preservando a integridade física dos futuros trabalhadores (apud.ibid.1986).

> "O esporte tem uma responsabilidade enorme na educação do jovem. Não corresponde deformar o que se pensa, que é o florescimento da personalidade no plano físico e psíquico. Essas palavras não podem chegar a ser carentes de sentido" (Lyungvist, 1982, apud. Persone, 1986.p.24).

As famílias, os educadores, os treinadores, os dirigentes esportivos, e as federações em particular, devem ser claramente informados sobre os riscos potenciais, de curto, médio e longo prazo, susceptíveis de comprometer a saúde das crianças que lhes são confiadas (ibid. 1986).

Apesar do treinamento com jovens ter muitas coisas em comum, a literatura usa o conceito de treinamento de "crianças e jovens", trazendo mais uma vez insegurança e falta de concepção que corresponda a adaptação

para o treinamento com crianças (Viltre, 1987).

Há 15 anos, o Dr. Andrivet (médico do Instituto Nacional de Desporto) declarou que as placas articulares de jovens desportistas apresentavam modificações articulares e que os tratamentos eram dolorosos (Personne, 1986).

O esporte oferecido nas escolas, muitas vezes não visa o desenvolvimento adequado do mesmo, criando nesse processo vícios motores pelo material inadequado e pela forma com que a aula é executada. Existe também uma escolha desrespeitosa de modalidades a serem praticadas, selecionando crianças de acordo com o biotipo apropriado para cada modalidade.

> "... A participação desportiva deve trazer sensação de competência, divertimento e bem-estar. Distanciar-se destes ideais na direção da competição intensa, da vitória e de um sistema de recompensas que premia apenas a excelência pode ter efeitos prejudiciais em muitas crianças" (Nelson, 1991. apud. Farinatti, 1995.p.52).

Existe também uma cobrança de posturas que a criança é incapaz de executar e um direcionamento equivocado, buscando a vitória a qualquer custo, a elitização, a procura de biotipos adequados, a profissionalização, etc., que muitas vezes leva a criança a praticar esportes (de forma especializada) sem ter maturidade para escolher.

E o mundo das brincadeiras e fantasias fica reduzido; existe um comprometimento da saúde física e psíquica com lesões, frustrações, desilusões, etc. Também, em geral, ocorre uma deficiência no processo de escolarização (Kunz, 1994), pois o tempo foi apropriado para o treinamento, exclusivamente.

Problemas psíquicos, como por exemplo, desilusões, fracasso, falta de talento, e muitos outros, podem trazer sérios problemas por tempo indeterminado.

Em 1983, a Confederação Alemã de Esportes elaborou um documento, que esclarecia o problema da criança no treinamento esportivo. O mais interessante, é que a preocupação não estava centrada na criança em si, mas em técnicos, professores de Educação Física, pais e os demais responsáveis pelo treinamento infantil. Com isso tentava resgatar o sentido saudável da prática desportiva[5] (ibid. 1994).

Segundo Thumm (s. d.), existem alguns fatores que influenciam na formação dos talentos desportivos:

- a anatomia
- o comportamento
- a hereditariedade
- os fatores externos
- as disposições genéticas
- o desenvolvimento mental e intelectual
- a capacidade sensório-motora hereditária
- o desenvolvimento das potenciais formas de comportamento social
- os processos de amadurecimento nas diferentes faixas etárias
- o processo de interação (apud. Chaves, 1985).

Em 1964, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, o treinador da Universidade de Santa Clara numa conversa informal comentou como fabrica-se atletas, - "É muito fácil: pega-se uma cesta cheia de ovos e joga-se na parede. Os que não quebrarem serão campeões" (Creff, 1986.p.35).

---

[5] O documento consistia em :
1. O fomento ao desenvolvimento corporal, psíquico e social
2. A transmissão de experiências e meios que fomentam a autovaloração e o reconhecimento de capacidades individuais próprias, assim como, a influência positiva sobre sua auto-imagem e cocepção de vida
3. Permitir vivências coletivas e estimular a atuação social
4. Ampliar o horizonte de vivências e experiências enquanto atividades de tempo livre (p.48).

Essa declaração nos mostra como algumas pessoas que estão envolvidas com o treinamento de alto nível, mostram-se despreparadas e inconseqüêntes. Não se trata de máquinas, mas de pessoas, de crianças.

Crianças de 6 anos não têm condições de citar e reconhecer os fatores do talento motor, pela falta de consciência de seu potencial, do que está apta a executar, e portanto, de considerar a altura, o peso e a agressividade (fatores que determinam o desempenho).

A insegurança e o "medo", determinados com a escolha da modalidade ou atividade a praticar, contribuem para o stress dessas crianças que praticam esportes de alto nível. Pois alguns pais escolhem e até exigem (cobrança) posturas e performances antes mesmo que estas elaborem tais competências (Krüger, 1991), ou até mostrem algum interesse.

O abandono verificado no esporte, é atribuído aos fatores de personalidade da criança e do jovem (perseverança), mas não se fala das diversas formas de motivação: orientação de capacidades, orientação de competências e aprovação social.

Segundo Krüger (1991), crianças de 5-6 anos vêem esforço e resultado como duas capacidades (vitória e derrota) e não fazem distinção entre os elementos. Já as crianças de 7-9 anos, pensam que o resultado negativo ou positivo depende do esforço, e que o mesmo esforço deve corresponder aos desempenhos idênticos.

Aos 9-11 anos, já faz distinção da capacidade e do esforço. Para essas crianças esforços iguais podem corresponder a resultados diversos, atribuindo a isso as diversas capacidades. E aos 12-13 anos, reconhece que a base dos resultados de alto nível está nas capacidades, porque fazem análises realistas de seu desempenho no esporte. *"O atleta não deveria questionar se é o melhor, mas se pode melhorar seus resultados..."* (ibid.p.34).

Os treinadores, pais e responsáveis pelos treinamentos com essas crianças, muitas vezes, "não levam muito a sério" ou o fazem demais. Porque em geral, "não existe" um acompanhamento médico que faça uma avaliação periódica nessas crianças.

Há muitos registros de crianças que apresentam sopro cardíaco, que pode ser benigno ou maligno; além de ossos mal calcificados, com cartilagens articulares desgastadas e somente aos 18 e 20 anos, aproximadamente (Giglio, 1993).

É preciso haver maior embasamento e mais pesquisas sobre Ciência do Esporte e da Educação Física, para que as pessoas, envolvidas direta e indiretamente com a especialização, possam ter mais subsídios para trabalharem.

Também, não se pode esquecer do respeito às crianças, da compreensão dos aspectos que permeam sua prática, fatores que são necessários para um bom desenvolvimento do treinamento com as mesmas.

CAPÍTULO V

O Caso da Ginástica Artística

Observamos nesta modalidade, crianças de 6-7 anos de idade que estão sendo preparadas para alcançar, aos 12-14 anos, os requisitos técnicos previstos pelas grandes competições internacionais.

Rosadas (1985.p.62) cita que, "somente a partir da Terceira Infância a criança dispõe de suficiente maturidade sensório-motriz para ser empenhada em atividades de treinamento (...)".

Embora a Ginástica Artística possibilite uma variada criação pedagógica para as crianças (Grupe, 1987), quando trabalhada com perspectivas de grandes feitos técnicos e performances, como em qualquer esporte de alto nível, deixa a desejar e isto pode causar muitos problemas. Isto se dá pela falta de embasamento científico nessa área, falta de respeito com as crianças, falta de exames médicos adequados, etc. Do contrário, pode estimular o desenvolvimento motor e aprimorar as capacidades físicas.

> "A Ginástica Artística é considerada um dos esportes básicos para desenvolver todas as qualidades de movimento aprimorando as capacidades e habilidades físicas do praticante" (Nista-Piccolo, 1988.p.131).

Quando não se leva em conta o planejamento adequado das aulas, os níveis de desenvolvimento da criança, o treinamento correto e coerente, provavelmente algumas situações desagradáveis, como acidentes, problemas de crescimento e desenvolvimento, aspectos negativos de caráter psicológico, etc., podem acontecer (Kovaci, 1988).

Segundo Krüger (1991), os problemas acontecem porque são exigidas, no treinamento, cargas unilaterais que acabam produzindo limitações no movimento das articulações trabalhadas; aumento da seção tendinosa, ligamentosa e óssea que em médio prazo pode provocar uma diminuição das possibilidades do desenvolvimento das capacidades do desempenho motor.

Foi realizado um estudo no Centro de Investigação médico-desportivo do Instituto Nacional de Educação Física de Barcelona, com crianças de ambos os sexos, entre 7-18 anos de idade (Bosch, 1986.p.13), onde observaram algumas patologias na iniciação muito precoce na Ginástica Artística:

- tamanho e peso baixos, devido a vantagem para a execução dos movimentos solicitados;
- desequilíbrio entre o gasto e a reposição energética;
- pressões intermitentes sobre a cartilagem de conjugação;
- lesões de sobrecarga causadas por microtraumatismos repetidos (Espondilolise de L5 e espondilolistese de L5/S1);
- aumento considerável do diâmetro tornozelo direito;
- calcificações paravertebrais e ilíacas que parecem corresponder aos músculos psoas de ambos os lados;
- modificações no ciclo menstrual;
- modificação da função hipotalâmica (gerada pelo stress);
- várias contusões no contato com os aparelhos, principalmente as paralelas assimétricas, que ocasionam hematomas no púbis, etc. (ibid.1986.p.18).

Os problemas parecem não ter fim... mas é necessário que observemos atentamente casos dessa ordem para não cometermos, futuramente, erros semelhantes.

Ressalto ainda, que tais problemas não ocorrem pela prática da Ginástica Artística, mas de como se dá seu desenvolvimento, de como os treinadores encaminham suas atividades, e se as pessoas envolvidas com o treinamento não têm embasamento científico suficiente para tal.

Kovaci (1988) acredita que podemos desenvolver tarefas em crianças de 6-12 anos, como: desenvolvimento geral e específico, desenvolvimento da flexibilidade articular (aspecto passivo e ativo), desenvolvimento da força (principalmente na forma de força-velocidade), aquisição da forma de execução de procedimentos técnicos com estrutura completa, aquisição de tarefas de competência e de estilo ginástico nos movimentos, etc.; tarefas que podem ser realizadas pela ótima forma em que as mesmas se encontram, pois têm grande capacidade de diferenciar os estímulos, manifestação menos severa dos reflexos de defesa (comparando com ginastas de maior idade), características antropométricas ótimas e forte motivação para praticar a Ginástica (por responder as necessidades lúdicas).

De fato, a "especialização precoce" é a solução mais racional para alcançar um elevado nível ginástico, e que se aplica em muitos outros esportes. Mas é necessário trabalhar com sistemas de classificação esportiva que permita a evolução individual, mais objetiva possível, do nível de preparação e dos ginastas e represente, também, motivação para a superação esportiva dos mesmos (ibid. 1988).

O treinador bem sucedido deveria estudar cuidadosamente cada ginasta, num esforço para determinar alguns fatores psicologicamente significantes que ajudarão a definir a natureza do seu relacionamento e até mesmo a técnica adequada do treinador (Massino, 1978).

À Ginástica Artística, compete seus infinitos valores sociais, motores, afetivos, etc., aos treinadores, cabe apropriar-se dela da maneira mais correta e proveitosa possível, e de forma inteligente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise bibliográfica mostrou que a especialização precoce tem muitos malefícios e poucos benefícios, já que não existe uma avaliação médica, respeito com a criança e um controle do treinamento (pela falta de embasamento científico), que muitas vezes extrapola as leis de limite da criança.

Será que os responsáveis nunca param para pensar, o quanto são irresponsáveis ao iniciar crianças de 6 anos (apenas) no esporte de alto nível, quando estas só querem saber de viver sua infância, suas fantasias e brincadeiras?

E os pais são, muitas vezes, os maiores responsáveis (talvez por falta de informação e por confiarem nos profissionais responsáveis) por essa iniciação! Já que deixam seus filhos participarem de treinamentos que nem sempre (ou quase nunca) estão de acordo com as fases de desenvolvimento dessas crianças.

"Até o final da adolescência, a criança passa por fases distintas de desenvolvimento e precisa ser estimulada de acordo com suas características e necessidades" (Carazzato, 1989.p.62). Chego a crer que a atividade esportiva precoce, me refiro também a G. A. , terá ótimas condições de se fazer educativa quando se aproximar mais do jogo (que também desencadeia o desenvolvimento da força, da resistência física e da coordenação percepto-motora) e manter distância da rigidez do treinamento.

A G. A. , assim como outros esportes, pode se servir de recursos para a promoção da educação, estimulando o desenvolvimento motor e aprimorando as capacidades físicas, desde que desvinculados de sistemas de treinamento e da competição acirrada.

Poderiamos vincular a G. A. a práticas que envolvam o caráter lúdico do jogo. Seria uma forma de estar mais próximo da realidade das crianças que forem praticá-la. Acreditamos que as crianças vivenciariam com mais ânimo o treinamento, se este tivesse em seu programa a brincadeira, o jogo, o respeito com suas escolhas, e acima de tudo, a fantasia.

Referências Bibliográficas

- ABTIBOL, Luiz G. Baird. Aprendizagem de Ginástica Olímpica . Ediouro - Rio de Janeiro, 1980.

- ARNOLD, K. Ginástica em aparelhos para meninas. Trad. de Paulo Matta. Tecnoprint - Rio de Janeiro, 1984.

- ARRUDA, J., ARRUDA, B. A Ginástica Olímpica na Educação Física Escolar. Desportos (9): 17-19, 1997.

- BARBANTI, V. J. Teoria e prática do treinamento desportivo. Edgar Blücher - São Paulo, 1979.

- BOSCH, Maria C. M. Efectos del entrenamiento en gimnastas: fisiopatologia del desarrollo. Stadium (116): 13-19. Espanha, 1986.

- CARAZZATO, S. G. Precocidade perigosa. Boa Forma (25): 62, 1989.

- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. Martins Fontes - São Paulo, 1994.

- COSTA, Afonso F. A criança e o treinamento desportivo de alto rendimento. Sprint (91): 33-37, 1997.

- CHAVES, Ricardo da Silveira. O treinamento, a especialização e a

para criança. Sprint, 3 (2): 74-77, 1985.

- CREFF, Albert F. Ninguna medalla vale la salud de un niño. Stadium (117): 35-38. França, 1986.

- FARINATTI, P. T. V. Criança e Atividade Física. Sprint - Rio de Janeiro, 1995.

- FOX, Edward (e at). Bases Fisiológicas da Educação Física e dos Desportos (trad. Giuseppe Toronto) 4a. ed.- Guanabara. Rio de Janeiro, 1991.

- FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro. Editora Scipione - São Paulo, 1994.

- GALLAHUE, D. Understanding Motor Development in Children. John Wiley e Sons - N. Y., 1982.

- GIGLIO, Paulo C. Iniciação Desportiva Precoce. Sprint (66): 20, SP, 1993.

- GO TANI...(et al). Educação Física escolar. Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. EPU. Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

- GRUPE, Ommo. El niño campeón. Trad. Héctor V. Morel. Stadium (126): 28-35, 1987.

- KOVACI, Nicolae. Especialización prematura en gimnasia artística. Stadium (132): 13-15. México, 1988.

- KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ed. Unijuí - Ijuí, 1994.

- KRÜGER, Arnd. Trad. Héctor V. M. El niño deportista: el problema del de la actividad deportiva en la edad preescolar y en la primeira edad escolar. Stadium (148-149): 26-34. Alemanha, 1991.

- LE BOULCH, Jean. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos. Trad. por Ana G. B. :Artes Médicas - Porto Alegre, 1982.

- LE BOULCH, J. Rumo a uma ciência do movimento. Trad. de Jeni W. : Artes Médicas - Porto Alegre, 1987.

- LEGUET, J. As ações motoras em Ginástica Esportiva. Editora Manole - São Paulo, 1987.

- MASSINO, Joseph L. A psicologia e o ginasta. Desportos (25-26): 41-42, 1978.

- NISTA-PICCOLO, Vilma L. Uma análise fenomenológica da percepção do ritmo na criança em movimento. Campinas, 1993.

- _____ Atividades físicas como proposta educacional para 1a. fase do 1o. grau. Campinas, 1988.

- _____ Educação Física Escolar: ser... ou não ter? Editora da UNICAMP - Campinas-SP, 1993.

- PAES, Roberto R. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol. Editora da UNICAMP - Campinas-SP, 1992.

- PERSONE, Jacques. El entrenamiento deportivo intenso y precoz. Trad. Héctor V. M. Stadium (119): 21-25. França, 1986.

- PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Forense/Universitária - Rio de Janeiro, s.d.

- PUBLIO, Nestor S. Histórico da Ginástica Olímpica no Brasil. Desportos (17): 11-13, 1997.

- ROSADAS, Rubem B. Treinamento esportivo além das virtudes musculares. Sprint, 4 (3): 96-100, 1986.

- _____ Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce. Sprint, 3 (2): 56-64, 1985.

- ROSAMILHA, Nelson. Psicologia do jogo e aprendizagem infantil . - Pioneira. São Paulo, 1979.

- SANTOS, J. C. E., FILHO, J. A. Manual de Ginástica Olímpica. Sprint - Rio de Janeiro, 1985.

- _____ Ginástica Olímpica na escola. Sprint, 2 (1): 32-34, 1984.

- SÉRGIO, M. Para uma epistemologia da motricidade humana. Compendium - Lisboa, 1987.

- VAYER, P. Psicologia atual e desenvolvimento da criança/ Pierre Vayer e Charles Rocin; Trad. de Maria J.P.I, Bertha H. G.: Manole Dois- São

Paulo,1990.

- VILTRE, E. A. El entrenamiento de los niños. Stadium (123): 12-14. Argentina, 1987.

- WEINECK, J. Manual de treinamento esportivo. Trad. de Maria P. Rosemary A., Erandy L. e Ana G. - 2a. ed.: Manole - São Paulo, 1989.